

Brasil ainda está vulnerável

Economistas sugerem aperto ainda maior este ano para que, em 2004, país possa registrar crescimento e distribuição de renda

NICE DE PAULA
REPÓRTER DO JB E
SÔNIA ARARIPE
EDITORA DE ECONOMIA

Feliz 2004. Pode parecer completamente fora de hora, ainda mais em meio ao clima de guerra, mas, de acordo com economistas que participaram do *Balanço Mensal* do Jornal do Brasil, o cenário de 2003 já está dado. O melhor, portanto, é esperar notícias positivas no próximo ano.

Isso porque dificilmente a economia brasileira vai reverter este ano o cenário de baixo crescimento, inflação e juros elevados, impossibilitando minorar o já grave problema de má distribuição de renda.

— A guerra deve ser rápida. Esse é o melhor cenário. Mas o

Brasil ainda está muito vulnerável. A economia este ano terá um crescimento mediocre — avaliou o diretor do Centro de Estudos de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas, Carlos Langoni.

Langoni brincou que hoje, ao contrário de anos atrás, quando o *Balanço do JB* começou a ser realizado, há uma homogeneidade de opiniões.

— Não há mais espaço para saídas alternativas — frisou.

Nesse cenário, o professor Afonso Beviláqua, da PUC-Rio, sugeriu um aumento ainda maior dos juros este ano.

— A discussão sobre política monetária é como vamos efetivamente reduzir a inflação ao

menos à metade em 2004. Isso deve exigir esforço adicional.

O perigo, advertiu Beviláqua, é que, com o processo inflacionário latente, o país fica mais vulnerável a riscos.

— Iremos atravessar nos próximos meses todos um período de negociação de reajustes salariais, é possível que haja um desenvolvimento até negativa da economia mundial e a taxa de câmbio pode voltar a ser pressionada — alertou o professor.

O ex-diretor do Banco Central Carlos Thadeu de Freitas Gomes, professor do Ibmec Business School, concordou que a vulnerabilidade pode minar a já combalida economia brasileira.

Guerra e pressão a favor de reajustes salariais preocupam

— A herança de Fernando Henrique foi muito pesada.

Carlos Thadeu alertou que, com a disparada do dólar, muitas empresas endividadas nessa moeda podem ter problemas.

— Essa bomba que pode explodir a qualquer momento.

O presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (So-

beet), Antônio Corrêa de Lacerda, acredita que a guerra deve ter alguns impactos para a economia brasileira. Mas não teme uma retração nos investimentos diretos ainda maior do que a vista em 2002.

— Dificilmente o Brasil enfrentará, ao longo de 2003, um quadro tão adverso quanto o enfrentado no segundo semestre de 2002, refletido, por exemplo, na disparada da taxa

do risco Brasil.

Lacerda sugeriu que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva defina uma política industrial ativa. Às vésperas de completar 100 dias de governo, a gestão de Lula foi aplaudida pelos economistas.

A unanimidade — felizmente, para a riqueza do debate — não ocorreu em todos os pontos. O professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro Luiz Carlos Prado criticou a proposta de autonomia do Banco Central, defendida pelos outros participantes do encontro.

— Não se deve dar a um funcionário não eleito um poder superior ao do resultado da eleição.



nic@jb.com.br e
araripe@jb.com.br